

APRESENTAÇÃO

Livro de imagens, livro de sons, livro de arquivos

CLARISSE ALVARENGA

Este livro apresenta trajetórias de grupos e pesquisas que se articulam em torno do Laboratório e Arquivo de Imagem e Som (LAIS) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A constituição do LAIS se deu como uma espécie de grupo formado por grupos. O Laboratório foi criado em 2019, atendendo a um chamado da então diretora da Faculdade de Educação, Daisy Moreira Cunha. Naquele momento, elaborei a proposta que foi aprovada pela Congregação da Faculdade em novembro de 2019.

Com a formalização da criação do LAIS, contatei os professores e pesquisadores com estudos envolvendo imagem e som na Unidade desde os anos 2000 e percebi que havia uma grande quantidade de conteúdo que poderia ser compartilhado. Esse material poderia contribuir com o campo da educação na medida em que mostrava, de forma transversal, a importância das imagens e dos sons na atuação de vários grupos de pesquisa, com diferentes abordagens teóricas e metodológicas.

Desde sua criação, o Laboratório armazenou, na sala 1110 da Unidade: equipamentos de captação e edição de imagem e som; acervo de filmes; acervo de fotografias; arquivos com gravações audiovisuais e sons. Apesar da importância da infraestrutura, a proposta não era apenas criar um espaço físico onde pudéssemos deixar guardadas imagens e sons. A ideia era criar um arquivo vivo, produtivo, um espaço que fosse usado pelos diversos públicos da Faculdade de Educação, da UFMG e também pelo público externo. O objetivo era que

esses diferentes públicos pudessem não só consultar esses arquivos ou tomar equipamentos emprestados mas também criar seus próprios filmes, seus próprios arquivos e compartilhar experiências pedagógicas e de criação envolvendo as imagens e os sons.

A partir daí iniciamos uma pesquisa financiada por emenda parlamentar concedida pelo deputado Rogério Corrêa, do Partido dos Trabalhadores, cuja proposta era justamente articular algumas das pesquisas que envolvem imagens e sons desde os anos 2000 na Faculdade de Educação e propor formas de uso de imagens de arquivos que pudessem ser aplicadas na educação básica e no ensino superior. Além disso, o projeto estava centrado na compra da infraestrutura necessária para que o Laboratório pudesse funcionar de uma maneira satisfatória, o que envolvia melhores condições de exibição, produção e criação de filmes, e também de formação naquele espaço.

Assim que o projeto foi aprovado e o recurso foi enviado à UFMG, nossa primeira ação foi selecionar dois bolsistas – Gustavo Jardim e Silvia Miranda – para que pudessemos ter uma equipe reunida em torno da proposta do Laboratório. A atuação de Gustavo e Silvia foi fundamental na estruturação e no acompanhamento das ações desenvolvidas dali em diante.

Em função da diversidade de perspectivas reunidas no LAIS, nas primeiras reuniões que tivemos envolvendo todo o grupo, acreditamos que seria importante convidar professores e pesquisadores para participar de um seminário para que a atuação de cada grupo pudesse ser mais bem compreendida. Por isso foi organizado o *Seminário Políticas, estéticas e práticas das imagens*, realizado de 6 de outubro a 3 de novembro de 2022, na Faculdade de Educação da UFMG.

Tendo em vista que existem inúmeras maneiras de realizar pesquisa, extensão, ensino e criação artística com imagens e sons, a professora Ana Maria Rabelo Gomes, subcoordenadora do LAIS, sugeriu que buscássemos responder a uma pergunta geradora que foi assim formulada: como é feita a pesquisa em imagem e som no seu projeto de pesquisa, extensão e ensino ou em seu processo de criação? A partir dessa questão central surgiram outras: quais as características do acervo de imagens e sons que seu projeto produziu? Quais as questões principais que as imagens e sons trazem para o seu projeto?

Debatemos os processos culturais, históricos, políticos e estéticos que atravessam cada grupo, buscando tomar contato com as perspectivas pedagógicas e os processos de criação que estão por trás dessas iniciativas. Ao final de cada debate, encaminhávamos uma discussão em comum sobre como disponibilizar os trabalhos para os públicos interno e externo e como estabelecer a interlocução entre os grupos em projetos futuros. A partir dos debates que surgiram no seminário, convidamos os participantes a escrever os capítulos deste livro.

Práticas pedagógicas com arquivos

Após o *Seminário Políticas, estéticas e práticas das imagens*, o LAIS foi parceiro na oferta de uma oficina direcionada a professores da educação básica, parte deles integrantes do Laboratório de Práticas Audiovisuais (Lapa) da Faculdade de Educação, como forma de promover a interface entre a questão dos arquivos e as práticas pedagógicas dos professores da educação básica. A oficina, intitulada “Documentário e memória: preservação e reutilização de imagens de arquivo”, foi uma iniciativa da professora e pesquisadora Julia Fagioli e nos proporcionou momentos de apreciação e discussão sobre as dimensões pedagógicas das imagens de arquivo.

O curso foi ofertado gratuitamente para vinte professores, teve a duração de 12 horas/aula e foi ministrado no período compreendido entre 8 de outubro e 5 de novembro de 2022. Um dos vários momentos instigantes da oficina foi a visita ao Museu da Imagem e do Som (MIS). Os professores e as professoras foram recebidos por Thiago Veloso, diretor do MIS, e pela equipe de preservação do museu.

A partir de imagens de arquivo do museu, a pesquisadora Julia Fagioli elaborou um percurso pedagógico no qual foi possível imaginar a história de Belo Horizonte de pontos de vista não hegemônicos considerando as imagens das periferias e dos rios. Como filmar as periferias não era um objetivo dos cinegrafistas que registraram a cidade nos primeiros tempos, Julia apresentou formas de uso das imagens de arquivo que a partir de mediações constituem contranarrativas ao discurso oficial.

Além disso, de maneira complementar, foi fundamental tomar contato com alguns dos filmes documentais do cinema brasileiro que utilizam imagens preexistentes, tais como *Cabra marcado para morrer* (Eduardo Coutinho, 1984) e *Retratos de*

Identificação (Anita Leandro, 2016), a fim de oferecer diferentes perspectivas de acontecimentos históricos.

As imagens de arquivo nos oferecem um testemunho dos acontecimentos filmados. Quando se produz uma imagem, não é possível apreender completamente aquilo que ela representa. Com a passagem do tempo, podemos lançar a ela novos olhares, que variam de acordo com o tempo presente. É por isso que as imagens de arquivo não dizem respeito somente ao passado. Mesmo aquilo que compreendemos como passado está em constante transformação. As imagens de arquivo possibilitam compreender o passado no presente e o presente no passado, reelaborando-os a cada nova visada. A partir das imagens, podemos ainda projetar novos mundos em comum.

Essas discussões que a oficina proporcionou foram importantes para que o LAIS experimentasse o acesso público (tanto interno quanto externo à UFMG, principalmente de professores da educação básica e professores e pesquisadores do ensino superior) às imagens de arquivo, fomentando ainda novas pesquisas em torno do arquivo do próprio Laboratório, de outras instituições, como o MIS, e também pensando a produção de novos produtos e processos.

Sabemos que, atualmente, os professores e as professoras, sejam eles da educação básica ou do ensino superior, lidam com processos de aprendizagem e de produção de conhecimento constituídos pelas imagens e pelos sons. Diante da pandemia de Covid-19 houve intensificação de algo que estava em curso desde pelo menos o início dos anos 2000: a necessidade, não apenas da escola e educadores mas da educação de modo geral, de lidar com a dimensão visual e sonora presente nas mediações, interações e na produção de conhecimento.

Entretanto, em sua formação, grande parte desses professores e professoras que estão em atividade não teve a oportunidade de tomar contato com a experiência da produção, curadoria, análise de imagens e sons, experimentação da linguagem audiovisual, sonora ou mesmo fotográfica. Além disso, a caracterização da entrada da imagem e do som nos processos educativos está longe do esgotamento. Talvez essa seja uma temática que demande investigações de muitas áreas, por ser uma questão transversal no campo da educação.

Após a realização da oficina, em 2023, o pesquisador Gustavo Jardim e eu dedicamo-nos a ofertar em parceria três disciplinas no curso de graduação Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo) da Faculdade de Educação da UFMG como forma de ampliar o acesso a arquivos de filmes latino-americanos. Foram ofertadas as seguintes disciplinas: Artes, linguagens e sociedade (60h/aula), Tipos de artes e sua materialidade social (60h/aula) e Artes e outras produções culturais (60h/aula).

Nessa proposta, reunimos um repertório de filmes cuja abordagem leva em conta a questão da terra e dos territórios. Pretendíamos testar as formulações de pesquisa em torno das práticas pedagógicas envolvendo arquivos de imagens, curadorias, e compreender como, por meio de disciplinas que fazem parte do currículo da formação do estudante de licenciatura (futuros professores da educação básica), seria possível produzir um ambiente de criação e aprendizagem em que os estudantes se envolvessem, envolvessem suas imagens, sons e seus territórios.

As disciplinas foram elaboradas de forma que, num primeiro momento, os estudantes e as estudantes tivessem contato com filmes que tratam da questão da terra em diversos espaços na América Latina. Foram feitas exibições dos filmes e, em seguida, discussões em torno de temas, aspectos formais e sobre a disponibilidade das imagens e possíveis usos em práticas pedagógicas no campo. Num segundo momento, os estudantes e as estudantes criaram seus próprios filmes em seus territórios a partir de nossa orientação. Eles e elas fizeram pesquisas, elaboraram propostas de roteiro, filmaram e editaram seus trabalhos. Num terceiro e último momento, foi criada uma plataforma intitulada “Trabalho de campo”, onde foram articuladas as imagens assistidas, os exercícios realizados, análises de filmes e os filmes produzidos pelos estudantes.¹

1 A plataforma “Trabalho de campo” está disponível em: <<https://sites.google.com/view/lecampo/in%C3%ADcio>>.

As curadorias de filmes não foram definidas *a priori*, mas compostas ao longo do processo para promover confluências entre as ideias e as vivências provindas das percepções de cada participante. O processo privilegiou uma intensificação na percepção sobre a terra ao mesmo tempo que ativou o senso comunitário na aproximação dos filmes escolhidos com as linhas de investigação criadas. Nesse sentido, as obras foram elencadas mais por uma noção de transferência criada com os estudantes do que em uma perspectiva de transmissão de

determinada forma ou linguagem cinematográfica. Alguns dos filmes trabalhados foram:

Pescados (Lucrecia Martel, Argentina, 2010)

Lavra Dor (Ana Carolina e Paulo Rufino, Brasil, 1968)

Tarumã (Aloysio Raulino, Brasil, 1975)

Terra Kaxixó

(Estudantes Kaxixós, Projeto Entrecenas, Brasil, 2017)

O Curral e o vento (Miguel Hilari, Bolívia, 2014)

Bouquets (Rose Lowder, Peru, 1995)

Pawqartampu (Felipe Esparza, Peru, 2015)

Cantos de trabalho - Cacau

(Leon Hirszman, Brasil, 1976)

Cantos de trabalho - Mutirão

(Leon Hirszman, Brasil, 1975)

Fim de semana (Renato Tapajós, Brasil, 1975)

Duas aldeias uma caminhada

(Ariel Ortega, Guarani Mbya, 2008)

Os filmes a que assistimos juntos, os textos que foram lidos, os projetos audiovisuais e os filmes realizados foram incluídos na plataforma criada pelos próprios estudantes. Nossa hipótese é a de que ao longo de todos os nossos encontros há deslocamentos que fazem com que se possa aprender com o campo, com a terra, de maneira sensível, por meio das imagens, por meio do olhar e da escuta. Nesse sentido, foi construído um arquivo de processos pedagógicos e criativos que diz muito sobre o processo de aprendizagem vivenciado e que envolve uma mudança de percepção ou uma ativação dos sentidos sobre a terra.

A partir desse trabalho, apontamos as regiões (os espaços) em que os processos de aprendizagem se intensificam. A partir daí percebemos que eles tensionam os arquivos, os filmes (em alguns casos estão no fora de campo) porque produzem outros espaços, que são a um só tempo individuais e coletivos, e vinculados às imagens, aos sons, na mesma medida em que se vinculam à terra e seus processos.

Livro de arquivos

Cada um dos autores e cada uma das autoras desta publicação desenha um percurso singular e elabora a seu modo a imagem e o som em suas práticas, metodologias e perspectivas. Nesse

sentido, o livro dá a ver uma diversidade de caminhos que convido o leitor e a leitora a percorrer.

A leitura dos capítulos nos estimula a conhecer os arquivos (de imagens e sons) criados em cada um dos projetos, mas também suas práticas pedagógicas, seus processos de produção de conhecimento e de criação. Esta publicação reúne reflexões acerca de distintas trajetórias de grupos e da participação das imagens e dos sons nesses processos.

Na leitura deste livro de arquivos, é possível notar aproximações e distanciamentos entre os projetos e iniciativas relatadas. Para além das diferenças, que marcam as singularidades de cada abordagem, os relatos apontam para um trabalho constante em um mesmo sentido: a construção de um patrimônio público que pode ser identificado seja nos grupos em si ou nas pesquisas por eles produzidas na UFMG e a participação das imagens e sons nesse processo.

O nome LAIS foi escolhido por esse caráter coletivo e aberto dos grupos e de suas trajetórias, pois, além de contemplar as palavras que identificavam aquilo que pretendíamos fazer, o nome próprio Lais significa “a democrática”, portanto um significado importante de ser afirmado e reafirmado de maneira urgente em 2019 – quando o Laboratório foi criado e o país enfrentava uma intensa crise política – e que deve ser preservado e intensificado em todos os momentos.